

COLLEGIO D'ETON.

O THAMES ou Tamisa não deve a sua celebridade á extensão do seu curso ou ao caudal de suas aguas, porem sim á ponderosa circumstancia de servir de porto a uma das mais povoadas cidades do mundo e por certo a mais commerciante; circumstancia que lhe tem guarnecido as margens de outras povoações importantes, de estabelecimentos e de edificios consideraveis. Nascido da confluencia de alguns ribeiros na parte central da Inglaterra, engrossa com afluentes numerosos, e caminhando na direcção do nascente desemboca no oceano germanico, tendo corrido duzentas e vinte milhas inglezas desde a nascente até a foz. — Os navios de 800 toneladas sobem até as docas de St.^a Catharina, e os de 1:400 chegam a Blackwall obra de seis milhas abaixo da ponte de Londres: o rio por espaço de mais de duas milhas distante da mesma está todo atulhado de embarcações costeiras, vapores, e barcos que transportam carvão. Ha um arsenal de marinha, de que pouco usam actualmente, em Deptford a quatro milhas da ponte, e outro nove milhas mais abaixo em Woolwich; outro na junção do Tamisa com o Medway; e um mais consideravel em Chatham sobre este ultimo rio.

A largura do Tamisa na ponte nova de Londres é de 700 pés. A ponte tem cinco arcos; o do meio, com a abertura de 150 pés, é famosa construcção, e comunica pelo norte com a bella rua do Rei Guilherme. Em um dia de agosto de 1840 observou-se que desde as 8 da manhã até as 8 da tarde passaram por aquella rua 11:010 carruagens e outros transportes semelhantes, o que dá 15 por cada minuto. N'um dia de setembro do mesmo anno achou-se que passaram ahi no mesmo decurso de tempo 53:503 passageiros, o que corresponde a 74 em cada minuto. — A immediata é *southwark-bridge* com

Março 9 — 1844.

tres arcos de immensa abertura, e o central, de 240 pés, é reputado como o mais largo que se conhece no mundo. É propriedade de uma companhia que levanta imposição sobre os viandantes, pelo que e pela má entrada não é de grande transitio. — A terceira na ordem é a ponte de *Blackfriars*, acabada em 1769, e composta de nove arcos ellipticos. O rio e o sumptuoso templo de S. Paulo (*) desfructam-se bem de cima desta ponte. — A de Waterloo, concluida em 1817, está lançada em correspondencia á parte central da Strand; é obra elegante e solida, e tambem edificada por uma companhia. As outras são as de Westminster e de Vauxhall.

Chama-se *porto* a extensão do rio comprehendida entre a primeira ponte mencionada e Blackwall, no qual ha mui espaçosas docas, sendo as principaes, e que contém grande numero de navios, as da companhia das Indias orientaes, que constam de duas vastissimas caldeiras, e as da companhia das Indias occidentaes, que tem as entradas em Blackwall. O numero de navios que entraram neste porto procedentes dos estrangeiros em 1837 montou a 5:625 com a carga ao total de 1:061:923 toneladas; e as embarcações costeiras, inclusas as vindas da Irlanda, no mesmo anno, foram 21:322 com 2:911:736 toneladas.

Com o fim de se alcançar uma communicação franca e prompta para carros e gente de pé entre os territorios vizinhos ao rio, pertencentes ao Sussex e ao Middlesex, n'um ponto onde pela constante navegação era inconveniente lançar uma ponte, intentou-se, mediante os capitaes e direcção de uma companhia, a obra assombrosa do *tunnel*, ou trajecto por baixo do alveo do rio, para o que o

(*) Vid. a pag. 194 do vol. 1.^o da 1.^a Serie.

governo concorreu com largos subsidios. Segundo os planos de Mr. Brunel, deram-lhe principio em 1822, n'um logar duas milhas abaixo de London-Bridge, com entrada pela margem meridional em Rotherhithe, e sabida junto ás docas de Londres da outra parte. Depois de muitas difficuldades, incluídas as inundações, levou-se a obra a ponto de quasi concluída em janeiro de 1841. O *tunnel* consiste em duas galerias subterraneas ou abobadas arqueadas, distinctas uma da outra, mas que entre si communicam por aberturas; e sendo ambas de largura e altura capazes de dar passagem a um carro, e pelos passeios á gente de pé. Todos os transportes e caminhantes que vão do sul para o norte deviam tomar por uma avenida ou corredor destes, e os que vem na direcção opposta tomarem pela outra. Postoque incompleto está comtudo aberto o tunnel aos visitantes, que tem de descer para isso por uma escada spiral, e da banda de Rotherhithe. Quando completo, serão as entradas umas largas rampas nas extremidades.

Appresentâmos no presente desenho um dos sitios de formosa paizagem á borda do Tamisa, onde é situada Eton, nomeada pelo seu classico seminario e fronteira aos paços e bosques de Windsor, de que fica proxima Slough, digna de menção por ter sido a residencia do grande astronomo, Guilherme Herschel, que construiu ahí o seu famoso telescopio, e ahí falleceu no anno de 1822.

O CONDE SOBERANO DE CASTELLA, FERNÃO GONÇALVES.

912 — 970.

6.º

Suspeitas.

— A SULTANA anda ha dias muito fagueira, que mudança repentina foi esta, Noiratedia? — [perguntava Tharub, uma das escravas que estavam fazendo serão nos quartos do harem, a Noiratedia que, segundo já dissemos, era creada particular de Azzahrat].

— Não sei [replicou Noiratedia]

— E que fará ella em segredo quasi todas as noites no quarto, que te não quer lá? [continuou a primeira].

— Isso não é da minha conta, nem da tua [lhe tornou Noiratedia].

— Causa boa não é de certo [prosegiu a outra]. Eu tenho certas desconfianças. Ouçam cá [e fazendo chegar as outras para ao pé della, proseguiu em voz mui baixa]. Nós aqui estamos quatro raparigas, amigas todas, e companheiras. — A mim parece-me, cá por certas cousas, que a sultana tem amores com algum sylpho mouro, ou infiel, isso é o mesmo, minhas raparigas, os bons bigodes fazem perdoar tudo — e que passa com elle as horas em que o calipha não vem entretê-la. Nós somos mulheres, e bem sabemos que flatos, ou melancholias como aquellas que ella tinha, ou fingia, vem sempre a dar em namoratorio.

— E que cousa é um sylpho? [perguntou uma das escravas].

— É um genio que habita no ar [respondeu Tharub]; como ha outros a que chamam gnomos que estão debaixo da terra; e outros chamados ondins que vivem no fundo do mar. Estes genios vivem

muitos annos, e até seculos; mas em morrendo é por uma vez, porque não tem alma; ou se a tem morre com elles. São como os animaes. Mas se chegam a travar amores conosco, este commercio torna-os immortaes; e então adquirem a esperanza e a certeza de gozar um dia do paraíso, e da presença de Deus, a quem conhecem e adoram. É por isso que desejando elles muito conseguir esta ventura, é facil á pessoa que sabe o segredo de attrahi-los, entreter familiaridade com algum. Esse segredo é que eu não posso dizer, porque o não sei. Sabia-o uma senhora, já velha, a quem servi, que me contava estas cousas: Allah a tenha no setimo céu; mas póde bem ser que esteja n'outra parte, porque ella era grande feiticeira.

— Não era maior que a sultana, isso sou eu capaz de o jurar [atalhou outra escrava]. Eu por mim creio que ella tem artes até para sahir de noite invisivel; e ou fosse em sonhos, ou acordada, eu já a vi sahir uma noite fóra de horas, voando como uma coruja, pela janella que deita para o jardim.

— Tambem póde ser o que tu dizes [replicou Tharub]. Escuta cá. . . Agora me lembra. A sultana tem um irmão, official das guardas do calipha, e não é milagre que tenha um amante no mesmo corpo. Pois não é outra cousa! E como ella tem aquelles olhos muito pombinhos e cubiçosos — por Allah! eu ainda não vi uns olhos assim — hade ser algum bem esbelto, bem lindo, bem appetitoso. Heim?

— Que duvida! [exclamaram todas, menos Noiratedia].

— Aquella gulosa [prosegiu Tharub] hade apegar-se ao melhor bocado; e parafuso eu cá comigo, que o caro objecto dos seus cuidados não póde deixar de ser aquelle mesmo que traz doidinhas todas as mulheres moças de Cordova. [Quando Tharub chegou a este ponto, quem olhasse para a boca das outras escravas, veria que a sua attenção era tão intensa, que ellas nem ousavam respirar. Então Tharub fez uma pequena pausa, talvez para estimular ainda mais a curiosidade das companheiras; e uma dellas, a mais moça, e mui bella, chamada Fatima, perguntou impaciente:]

— E quem é elle?

— É al Mançor [respondeu Tharub]. O nome de al Mançor foi como a bomba ou o raio que estalou no meio daquella camaradagem, até alli tão prasenteira e pacifica.

— Mentira, mentira infame! [Exclamou Noiratedia, toda pallida e tremula].

— É falso, falso como o inferno! [Exclamou ao mesmo tempo Fatima, toda convulsa e enfiada, denunciando no semblante os mesmos signaes de commoção violenta].

— Que é isso, minhas meninas! [atalhou sorrindo a abelha mestra, Tharub].

— Amo al Mançor! [respondeu Noiratedia, soluçando].

— És minha rival! [gritou com voz surda, rouca e truncada a formosa Fatima]. mulher, que diseste tu! Roubaste-me o unico bem da minha alma! . . . mataste-me; mas com este ferro [e arrancou do seio um punhal], com este ferro morrerás!»

E o ferro descia já sobre o peito de Noiratedia, sem lhe valerem as companheiras que se tinham afastado, timoratas e aturdidas, quando mão como de um phantasma suspendeu o golpe ainda no ar: era a mão de Azzahrat. As escravas ficaram petrificadas deste apparecimento tão inopinado quanto ter-

rivel para todas, menos para a victima que foi salva. Azzahrat tocou com força quatro vezes uma campainha; ao toque appareceram quatro eunuchos. «Que essas tres escravas criminosas sejam mettidas com uma mordaca na boca em carcere rigoroso, e cada uma em seu» [lhes intimou a odalisca em tom imperioso, e extremamente irritada]. Os eunuchos se retiraram com um profundo salamale a executar a ordem; e Azzahrat recolheu-se com Noiratedia ao seu quarto.

Ah! a vida do harem é um traslado do inferno! Alli são os pensamentos como os delirios de enfermo no ardor da febre: os desejos devoram como as chammas, e crescem e cruzam-se como as vagas do oceano: e as paixões? as paixões são a imagem da hyena enfurecida: e os ciúmes? ah! esses são pungentes como o remorso, agudos como o punhal, envenenados como a serpente, e ferozes como o tigre, e mais ardentes, mais terriveis que a cratera do vulcão! Se podesse levantar o véu em que se occultava o amor de Fatima — amor correspondido e feliz — eu revelaria por quaes condescendencias — condescendencias mysteriosas da muito formosa escrava com o eunucho-mór do harem — penetrava naquelle claustro vedado o mui ditoso al Mançor: não o direi em lingua de homens: que o diga por mim a Biblia; e que o eunucho negro de Azzahrat seja o mesmo que ella pinta: *sicut spado complectens mulierem, et fremens et suspirans!*

O voto.

Ei-lo alli vem o Arlança descendo por entre as brenhas do ermo. Como aperta o passo ao transpôr algum terreno declive! Como se agasta, resentido contra as rochas que lhe querem pôr estorvo ao seu curso! Aqui, onde apenas as pedrinhas soltas lhe disputam fracamente a passagem, as suas queixas são brandas, e até suaves os seus murmurios. Alem, onde os montes o comprimem mais, e as penhas se levantam como baluartes que se oppõem á sua marcha, brame de despeito, resalta espadanando, até que rompendo para diante, torna a colligir as suas forças, e espumante, impetuoso se arroja em torrentes para os dominios do seu suzerano, o Arlanção. Na quebrada das duas montanhas por onde o rio caminha, nem ha espaço para um logarsinho, nem se encontra sequer uma cabana: apenas algumas arvores banhadas por suas aguas povoam o deserto, e as aves do céu interrompem com seu cantico a mudez melancolica do sitio!

Que solidão! Sómente lá em cima — bem em cima — na corôa daquelle monte se avista o vulto de uma ermidiinha. E quem é aquelle homem que se encaminha para a eminencia? O sombreiro, a esclavina, o gabão, o bordão a que se arrima — não de velho, porque bem mostra no semblante que está ainda na primavera da vida — a cabacinha que lhe pende ao lado, o ar pensativo e devoto com que vai, claro manifestam que é um romeiro. Ei-lo chega á porta da ermida. Lá bate.

— Quem sois? [perguntam de dentro].

— Um romeiro [responde] que vem a cumprir um voto que fez. — Abre-se a porta, e apparecem tres monges. Um delles, o mais veneravel, se adianta, estendendo os braços para o peregrino, e este correndo para elle, lhe cabe aos pés e de joelhos o abraça, e lhe beija as vestes sagradas.

O monge era aquelle mesmo que tinha apparecido a um caçador, e o romeiro era o caçador que

voltando de uma batalha vinha pagar a promessa, que alli fizera antes de partir para a guerra.

— Venho saldar a minha divida com esta casa [disse levantando-se o conde de Castella, em trajos de romeiro, para Fr. Pelayo, que era o monge a cujos pés se tinha lançado].

— Em boa hora venhais, cavalleiro de Christo! Louvado seja o Altissimo que ouviu benigno as minhas preces, e as destes meus irmãos [apontando para Fr. Arsenio e Fr. Silvano, os outros dois monges], e que fez victorioso o estandarte desta nobre terra de Castella!

— O estandarte que eu arvorei em Osma [replicou o conde] hade aqui chegar em breve: mandei que o trouxessem para ser depositado sobre o altar desta capella. Agora o guerreiro de Osma depôz a sua espada, o conde de Castella despojou-se das suas insignias ao entrar o portal desta ermida, diante de vós está o romeiro humilde que vem pedir agasalho caridoso por tres dias á casa de Deus.

— A casa de Deus [lhe tornou Fr. Pelayo] nunca fechou as suas portas aos fieis; e o estandarte dos seus exercitos é ornato muito cabido em seus altares.

— Amen! [disseram Fr. Arsenio e Fr. Silvano].

— E agora [disse o conde] podeis dar por caridade um jarro de agua, e uma fatia de pão de cevada ao pobre romeiro que vem sequioso e faminto?

— Dar-lhe-hemos, de uma borraxa com que nos brindou um devoto desta casa, vinho [lhe respondeu Fr. Pelayo], que é mais confortativa bebida para quem vem de longe e fatigado; e está alli um cabrito montez, que o irmão Arsenio trouxe hontem da sua caçada, que lhe vamos cosinhar; iguaria que nós não provámos senão em algum dia de festa, reservando-a quasi sempre para os nossos hospedes.

— É demasiadamente lauta (*) [replicou o conde] a meza que quereis pôr a um humilde romeiro, disposto a fazer jejum de pão e agua.

— Nesse caso [tornou Fr. Pelayo] não quebrems o jejum nem a penitencia ao romeiro; de bom grado o acompanharemos nessa santa obra: irmão Arsenio, trazei pão e agua.

E Fr. Arsenio foi buscar o pão e agua. Voltou em poucos instantes, trazendo a parca refeição para o conde; mas reparou este que o monge vinha enfiado.

— Que tendes, Fr. Arsenio? [perguntou o conde].

— A misericordia do Senhor nos não desampare! [replicou o monge, com ar apprehensivo] Ou os meus ouvidos me mentem, ou eu acabei agora de ouvir o toque ainda distante de uma trombeta mourisca.

— Confiai mais no Senhor [lhe replicou o conde, sorrindo] e no bordão do romeiro, que em caso de aperto depressa se transformaria em espada de homem d'armas.

Mas é possivel [tornou Fr. Arsenio] que uma surpresa . . . não seria a primeira . . . Escutai . . . Jesus valei-nos! senhor S. Pedro de Arlança! . . . Não ouvis o som de combate da trombeta arabe . . . [E o conde e Fr. Pelayo sorriam ao ver o monge assustado].

— Não ouvis o rebato de um tambor . . . [continuava Fr. Arsenio, cada vez mais pallido].

(*) O cabrito — bocado que, como dissemos n'um dos capitulos antecedentes, tanto invejava aos mouros o nosso conhecido, Diogo bésteiro — era um dos pratos mimosos da epocha, segundo refere Conde, ou S.^t Hilaire, que o cita na sua Historia de Hespanha tom. 3.^o pag. 303 e nota ibi.

E Fr. Arsenio tinha rasão, porque, de feito, se ouvia cada vez mais proximo o reclamar de trombetas e tambores.

— Parece-me [disse o conde olhando para Fr. Arsenio] que lá ouço tambem o clangor da trombeta castelhana: temos defensores: a batalha será brava; a victoria disputada: vamos animar os que combatem por nós, Fr. Pelayo; e vós, Fr. Arsenio, vinde comnosco, e confiai na misericordia do Senhor.»

Mas Fr. Arsenio foi esconder-se no mais recondito de uma grande cova que, a historia conta, havia debaixo da ermida: Fr. Silvano, esse estava de cosinha, porque era a sua semana; o trabalho andava dividido irmaamente entre os tres ermitões: e o conde com Fr. Pelayo sabiram da ermida ao encontro da revolta.

Apenas desceram o poyal da porta, deram com os olhos n'um tropel de mouros que vinham açodadamente subindo por um carreiro do monte, e n'um golpe de bésteiros e almogavares de Castella, que com igual pressa e ardor subiam por outro. Chegaram finalmente acima os dois bandos. Aquelles no arreio, no trajo, nas armas não ha duvida que eram inimigos: traziam o turbante de dobras espessas, ou o barrete indiano; o albornoz branco, tão acceto aos filhos do deserto, fluctuando-lhe ligeiro; arco e frechas; o alfange largo, direito e curto como a espada romana; e alguns a lança, e alguns o escudo e couraça á maneira dos christãos. Os outros, castelhanos em tudo. Ambos, ainda que pela maior parte armados quasi como cavalleiros, não o eram, e vinham á faca-sola; porque, se bem podiam vir a cavallo apesar do ingreme da montanha, não deixava de ser arriscado. E o leitor já terá entendido do sorrir do conde e de Fr. Pelayo que aquella algara, que tanto assustava a Fr. Arsenio, não era séria — que os mouros eram castelhanos legitimos em carne e osso e tudo, menos nos vestidos, nas armas e no estandarte, que eram parte das prezas feitas em Osma, — e que alli não se tratava de guerra, mas de uma escaramuça festiva ordenada pelo conde em honra do voto, que elle vinha celebrar naquelle lugar.

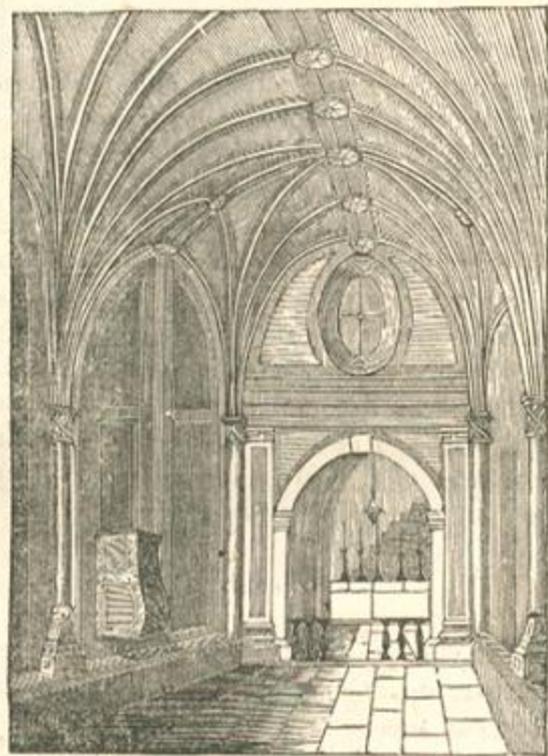
Chegadas pois, como iamoz dizendo, ao cimo do monte ambas as partidas armadas; formados e afrontados como o permittia o terreno em que haviam de combater, os dois campos, aos gritos de Allah de uma parte, e de Castella da outra, e ao estrondo das caixas e trombetas arremetteram primeiro desfrechando arcos. Depois arrojaram lanças, e floream uns a espada, os outros esgrimem o alfange em batalha muito bem ferida e contrafeita; e a poucos passos, deitando por terra o alferes arabe, cahe o estandarte do crescente, que é tomado pelo alferes castelhano, e ergue-se o brado de victoria com todas as suas legitimas consequencias; as quaes desta vez não foram outras senão ficar o Diogo bésteiro, que fez de porta-estandarte musulmano, com uma perna muito bem escalavrada — que elle provavelmente, neste primeiro ensaio, não tomou por bom agouro para dar ensanchas aos seus planos de apostasia, já aventados por nós. Seguiu-se a isto enforçar com todas as solemnidades do estylo a dois bonecos de palha — um que trazia por oprobrio uma corôa de couro preto na cabeça, e era a effigie de abd el Rahmam 3.º, o qual provavelmente estava a essas horas muito bem recostado sobre os preguiçosos moribundos e voluptuarios do serralho; o outro que era Judas, o traidor, a quem poucas coegas podia fazer na garganta um laço de corda, visto

achar-se o referido Judas havia bons 9 seculos nas profundas do inferno.

E em quanto, depois de enforcados, e muito bem enforcados, aquelles dois reprobos com grande algazarra e satisfação de mouros e castelhanos, se ficam estes preparando para precipitar da montanha sobre o rio os corpos dos padecentes; vamos nós á ermida a ver o que fazem no entretanto o conde, os monges, e tambem um figurão — não militar — que veio na chusma, e que pela gravidade do porte e trajo inculca ser pessoa de cutiliquê.

(Continuar-se-ha).

A. d'O. Marreca.



ERMIDA DE N. S. DO SOCCORRO.

A PEQUENA igreja desta invocação está edificada na lombada da serra do Socorro, que fica um quarto de legua ao sul do logar do Trucifal a cavalleiro da estrada que dahi corre para a Euxara dos Cavalleiros, Cabeça de Montachique e Lisboa, e desta cidade está distante seis leguas e meia para o noroeste. Diz a tradição que lhe viera o nome do *socorro* inesperado e providencial que os nossos patrios neste sitio receberam dando batalha aos arabes, de que ficaram vencedores; e fôra tão efficaz o auxilio, e a victoria tão completa que os infieis fugiram e se destroçaram por todas aquellas cercanias acoçados pelo valor dos christãos. Nesta campanha tingiram-se de sangue as aguas do rio Sisandro, especialmente no sitio a que chamam *ponte do sangue*, perto do logar de Matacões, nome que tambem derivam do brado de exterminio contra os musulmanos — *mata esses cães*. Não combateremos estas etymologias suspeitas, deixando-as continuar como recordações locais, como signaes de pia crença e incentivos de brio nacional. Observemos porem que se o tecto da igreja mostra reconstrucção muito mais moderna, as columnas que o sustentam dão claros annuncios da architectura sarracena; e pôde ser que sobre fabrica de arabes se erigisse depois o templo da Protectora dos christãos; tambem é possivel que a primitiva fundação datasse dos tempos da primeira dynastia de nossos reis em que predominava aquelle gosto de edificar, e fosse muito posteriormente reparada: entretanto a sua grande antiguidade é incontestavel.

Annualmente, dia da Sr.ª das Neves [5 d'agos-

to], ha uma festa nesta ermida, e a ella concorrem habitantes de toda a populosa comarca de Torres-Vedras com suas offerendas em dinheiro ou em trigo; é deste rendimento, unicamente devido á popular devoção, que os administradores tiram as despezas para levantar as accomodações que fazem na contiguidade da ermida.

Dalli goza-se mui dilatada vista; a saber, para o norte a notavel e antiquissima villa de Torres-Vedras; a povoação, tambem mui antiga, do Trucifal para o sul; a Cabeça de Montachique ao nascente; e a serra do Ormeiro, coroada pelo principal baluarte das linhas de defeza de 1810; finalmente para o poente o palacio de Mafra, Peniche e o oceano. — Ha na falda da serra um sitio, que chamam da *mesquita*; não existem porem, nem consta que existissem, vestigios de construcção antiga.

É crença vulgar que os arabes ao largarem por força d'armas a deliciosa terra das Hespanhas esconderam em muitos logares defezos e reconditos os seus avultados thesouros, na esperanza de os haverem quando a reconquistassem como suppunham: por toda a peninsula voga esta ambiciosa persuasão entre o povo miudo; apontam-se as paragens; já em muitas se fizeram tentativas de descobrimento; mas tambem ha muito tempo que o malogro de similhantes emprezas deu causa a desistirem de outras novas; e foi mais barato suppôr que os thesouros dos amaldiçoados filhos de Mafamede estão resguardados por encantamentos, que só o demo poderá quebrar, e ninguem quer negocios com o immundo espirito das trevas. — Certo é que tambem na serra do Soccorro imaginaram os credulos a existencia dessas minas decantadas, e que para as achar se fizeram excavações em ponto grande; mas a final foram estes trabalhos prohibidos pelos magistrados porque degeneravam em tumultos e rixas, não obstante o nenhum fructo. Conta-se que os primeiros que se abalançaram á pesquisa eram encaminhados em suas diligencias por uma velha, grande mestra de sortilegios e adivinhações, que tocando uma campainha, ora os dirigia para um lado, ora para outro, inculcando-lhes por este modo o chão conveniente ás excavações; mas as sotterradas preciosidades sumiam-se cada vez mais, e por fim desconfiados quizeram tomar vingança da embusteira, que procurou salvação na fuga; e a justiça civil interferiu para accomodar os disturbios. — Na parte do nascente do monte do Soccorro vê-se uma grande pedra sobreposta a outra igualmente volumosa, que ainda é appellidada, e provavelmente desde o tempo a que nos referimos, o *penedo do thesouro*.

Ao nosso assignante e amigo, o Sr. J. Felix Henriques Nogueira, devemos o desenho desta ermida; e da sua muita e louvavel curiosidade, do amor desvelado com que cultiva as artes e as letras esperámos o cumprimento da promessa de outros desenhos seus, que estamparemos neste Jornal.

CONTRASTES HISTORICOS = D. JOÃO 1.º, REI DE CASTELLA, E D. JOÃO 1.º, REI DE PORTUGAL.

Os curiosos que quizerem ver que differença ha abi entre um homem commum e mediano, e o outro raro e magnanimo, não tem mais do que comparar algumas das acções destes dois contendores sobre uma das maiores lides da historia da peninsula hispanica, os dois Joões de Castella e de Portugal.

Fernão Lopes, escriptor contemporaneo dos successos, homem d'extraordinaria exactidão e escrupulosa consciencia, refere que entrando elrei de Castella com seu grande exercito invasor [o mesmo que veio ser desbaratado em Aljubarrota] pela provincia do Alemtejo, sahindo de Badajoz, passou a assentar seu arraial á vista d'Elvas, pensando que aquella ostentação de forças fizesse sómente cabir de medo os braços e corações dos defensores. Gil Fernandes d'Elvas, que abi estava governador, o desenganou bem depressa desta presumpção; desprezou suas ameaças, e respondeu pela força ás violencias commettidas no arrabalde. Irritado o castelhano levantou o campo, dirigindo sua marcha por Arronches, onde, diz o chronista, *mandou decepar as mãos* a muitos pobres aldeões, e praticar outras muitas cruezas em gente desarmada e inofensiva; parecendo querer vingar-se assim nos fracos, pacificos e inermes, da constancia e lealdade dos valentes d'Elvas.

Obrigado a mudar de direcção, visto que por aquella provincia lhe ficava nas costas uma praça tão forte e guarnecida, foi passar o Tejo em Alcantara, e dahi por Cidade-Rodrigo, Guarda, e Celorico desceu até Coimbra, assentando que abi seria melhor recebido pelo governador, conde D. Gonçalo Telles de Menezes, irmão da rainha D. Leonor, e tio por consequencia da de Castella, D. Beatriz. Era o mez d'agosto, em que o Mondego quasi sumido entre as arêas dá váu em toda a parte de seu curso naquellas visinhanças: teve o exercito castelhano oportunidade e campo para rodear toda a cidade, e estender-se por todos aquelles contornos sem receio, porque não havia abi forças que lhe disputassem o terreno. Mas abi tambem encontrou repulsa no conde governador, que preferiu ficar senhor da praça e expectador do desfecho final da contenda n'uma especie de neutralidade armada. Irritadissimo novamente o soberano hespanhol, mandou derramar como torrente furiosa partidos fortes de sua gente pelos campos, aldêas e villas visinhas, que roubaram, queimaram e assolaram á vontade até Aveiro e Figueira, 7 e 9 leguas distantes! Durante esta barbara depredação, diz o chronista citado, *se fizeram notaveis crueldades*. Ora, e é isto muito de notar; porque o castelhano entrava no paiz como para tomar posse d'um dominio seu, pois que elle e sua mulher se intitulavam reis de Portugal: e não attentava este animo mesquinho e apocado que nada menos asado para ganhar vontades do que rigores e cruezas! Voltemos agora o painel e gozemos da amabilissima belleza da pintura.

Eram 7 horas da tarde do memoravel dia 14 de agosto do anno de 1383, andava elrei D. João 1.º no campo victorioso d'Aljubarrota gozando do triumpho alcançado por seu animo e valentia; chegavam-lhe magotes de cavalleiros castelhanos prisioneiros conduzidos á sua presença, aos quaes elrei mandava defender e guardar da furia e vingança portugueza; quando entre estes captivos distinguui Diogo Alvares Pereira, o irmão do condestavel, que com outro, o mestre d'Alcantara, seguira o partido castelhano. Vinha elle ainda vestido com as armas e trajo do inimigo, e havia sido alli mesmo pouco tempo antes o emmissario disposto a ganhar e seduzir o proprio D. Nuno Alvares. Que faria elrei desta boa prêza? Fallou primeiro, e disse-lhe: — *Oh Diogo Alvares, aqui sois vós? Pois eu vos cuido hoje ser melhor amigo do que vós a mim fostes servidor.* = E entregou-o a um fidalgo da Beira,

que alli se achava, para que o guardasse e defendesse.

Passados os tres dias do estylo, em que elrei D. João 1.^o esteve no campo da batalha, marchou a Santarem, onde achou já a sua bandeira arvorada no castello, as auctoridades castelhanas fugidas, os cavalleiros portuguezes, antes prisioneiros, resgatados, e no logar destes uma nuvem immensa de hespanhoes tomados não só na batalha, mas apanhados em diversos pontos da sua debandada. Estes miseraveis alli vinham remettidos de differentes pontos, e jaziam misturados na sua desventura commum cavalleiros com peões, fidalgos com plebeus, dando-se por felizes em sua triste sorte os primeiros em andarem confundidos com a chusma por occultarem sua vergonha. Entre estes especialisa a historia um Pedro Lopes d'Ayala, adiantado-mór de Murcia, pessoa muito principal em Castella por seus serviços e capacidade desde o tempo das guerras entre Henrique 2.^o e Pedro o cruel. Este cavalleiro escreveu depois sobre a batalha d'Aljubarrota, em que teve parte, na chronica que compoz de elrei D. João 1.^o de Castella: e por signal que lá torceu e desfigurou quanto pôde o successo, pertendendo torna-lo menos desairoso: baldado empenho!

— Eram já tantos os prisioneiros hespanhoes, diz o chronista, que enchiam as igrejas e mosteiros de Santarem, e iam em cadêa beber agua do Tejo. Succedeu que n'uma destas sabidas um dellesolveu-se ao védor Fernão Alvares, que por acaso ali passava, e lhe disse que morriam de fome. O védor foi denunciar o caso a elrei, e este mandou aos officiaes da villa que tivessem cargo dos prisioneiros. Mas aquelles foram ter com elrei, expozeram-lhe a mingoa de mantimentos, que nem para os naturaes chegava, e terminaram dizendo que quanto aos prisioneiros não podiam: «pois nem eu os posso ver perecer á fome [tornou elrei]; antes os mandarei para sua terra.» E assim se fez; mandou soltar aquella chusma de prezos, e os despediu escoltados para que lhes não fizessem mal, encomendando a Gonçalo Eannes de Castello de Vide, e a outros fidalgos do extremo que os guardassem até lá. — Assim em este bom rei a nobreza de sua caridade usou com elles de maviosa compaixão: — accrescenta com sua clareza costumada o inimitavel chronista, Fernão Lopes, que nem mesmo se esqueceu neste logar de dizer que naquelle cruel desamparo em que se achavam os pobres prisioneiros era a velha condessa D. Guiomar que lhes mandava algum soccorro. (*) Não parou aqui a generosa bondade d'elrei D. João. Estavam igualmente na praça de Santarem, quando os castelhanos a abandonaram, as fidalgas viúvas e outras parentas proximas dos cavalleiros portuguezes mortos no campo d'Aljubarrota, do partido castelhano; a saber, do conde de Barcellos, D. João Affonso de Menezes, de Gonçallo Vasques d'Azevedo e seu filho Alvaro Gonçalves, do conde de Penela, antecedentemente

(*) Justo é que sigamos o exemplo do estimavel chronista, explicando quem era esta matrona portugueza que em tal conjunctura não duvidava arrostar os desagradados populares para soccorrer desvalidos. D. Guiomar Lopes Pacheco, filha de D. Lopo Fernandes Pacheco, havia-se desposado com o velho conde de Barcellos, D. João Affonso Tello, do qual houve filho outro D. João Affonso, conde de Penela, com o qual vivia no castello da mesma villa. Nas guerras civis desta epocha o povo das aldêas levantou-se e matou o conde, dando o castello ao mestre d'Aviz. D. Guiomar então retirou-se a Santarem, onde por isso se achava nesta occasião.

morto na mesma villa pelo povo parcial do mestre d'Aviz e dos alcaides-móres d'Obidos, Alemquer, e de Leiria. Pois bem; mandou elrei chamar á sua presença estas damas desconsoladas, e depois de dizer-lhes palavras de conforto, e outras de grande benevolencia e caridade, perguntou-lhes o que pretendiam fazer de si: e respondendo ellas que desejavam largar o reino e irem para Castella, as mandou honradamente guardar e acompanhar até á frota castelhana, que jazia fundeada no Tejo.

Foi depois desta acção, e de outras dignas do rei da boa memoria, que elrei D. João 1.^o se pôz a caminho e a pé em romaria a Nossa Senhora da Oliveira em Guimarães, a quem tinha feito voto se vencesse a batalha. O seu transito foi assinalado por festas e lagrimas d'alegria e ternura do seu povo quando assim viam ir caminhando o rei cavalleiroso e devoto, derramando beneficios de virtude como um pai que doutrina seu filhão. Chegado a Leiria perdoou aos portuguezes implicados no facto do governador parcial de Castella.

J. da C. N. C.

DA CLASSIFICAÇÃO DAS SCIENCIAS CALCULADA PARA SERVIR DE BASE A UM SYSTEMA RACIONAL DE INSTRUÇÃO PUBLICA.

UMA das rasões porque a historia das sciencias nos offerece essa espantosa variedade de classificações dos conhecimentos humanos, que seria tão difficil como inutil o enumera-las, é porque os seus auctores não se propozeram um mesmo fim na redacção de seus trabalhos.

Afim pois de que não pareça que nós vamos augmentar aquelle já tão excessivo numero de systemas de classificação, começaremos por advertir aos nossos leitores, que o nosso fim não é appresentar, como tem sido costume, a arvore genealogica das sciencias; mas sim a ordem em que ellas se devem considerar dispostas, para essa classificação servir de base á ordem que cumpriria seguir n'um plano racional d'instrucção pública.

Denominámos plano racional aquelle que, seguindo a marcha natural do desenvolvimento das faculdades do homem desde a sua primeira infancia, permittir aos directores da educação nacional da mocidade marcar a qualidade de estudos a que se deverá franquear o accesso a cada um dos alumnos, segundo a especialidade das individuaes disposições physicas, intellectuaes e moraes, com que a natureza o houver dotado.

Dissemos, da educação nacional; porque, como n'outra parte temos mostrado, só mediante um systema arrasado da educação nacional, é que se pôde esperar pôr um termo á deploravel anarchia, com que, a cada nova reforma do ensino publico, os estudos se tornam mais superficiaes, os costumes mais devassos, e a desordenada concurrencia em todos os ramos das sciencias, artes e officios, mais desastrosa.

Todas estas diversas profissões se podem considerar compostas de tres classes de individuos: uns dotados de habilidade genial e transcendente; outros que, sem passar de ordinarios, tem comtudo, em diversos grãos, a aptidão necessaria para satisfazer ás precisões das diversas classes de consumidores; outros emfim absolutamente desastrosos e inaptos, nem mesmo prestam para os trabalhos mais ordinarios da profissão para onde os arremessou o acaso.

Infelizmente estes ultimos formam quasi sempre o maior numero e, por cumulo de desgraça, a maior parte dos consumidores, destituídos de gosto, correndo apoz o barato, é a estes ultimos que dá a preferencia. Por este modo os profesionistas habeis que, a não ser aquella funesta concurrencia, poderiam grangear uma decente subsistencia, vivem perpetuamente em apuro e são obrigados a fazer obra ruim, para escaparem á indigencia.

Cresce pois cada dia o numero dos máus artistas, ou por inaptidão ou por necessidade; o gosto, em vez de se apurar, deteriora-se, e os homens de genio, que a approvação publica teria animado, se vão, por conseguinte, tornando cada vez mais raros.

Entretanto as necessidades, filhas da civilização, não só crescem em numero, mas cada dia vão sendo mais dispendiosas; ao passo que os meios de satisfazê-las cada dia vão sendo mais escassos.

A razão e a virtude dictariam, que proporcionasse cada um as suas despesas aos seus effectivos rendimentos; mas a maior parte dos homens são faltos de razão ou de virtude, e, por maior desgraça, muitos d'elles não possuem nem uma nem outra destas unicas garantias da boa ordem.

Por aqui entra pois a desmoralização das familias, a impossibilidade de dar ou fazer dar uma boa educação a seus filhos: e por ultimo, o verem-se os empregos do Estado occupados por homens destituídos dos indispensaveis conhecimentos, que não poderam adquirir; e ainda mais faltos de probidade, que ninguem lhes soube inspirar.

Este lamentavel desfecho está mostrando, qual é de todas as necessarias reformas, aquella por onde é forçoso começar. Como essas reformas, quaesquer que ellas sejam, por homens é que devem ser concebidas e executadas, é mister, antes de tudo formar homens capazes, não só de as conceberem, mas tambem de as executarem. É pois pela educação, mas por uma educação regular e systematica, educação geral, que comprehenda toda essa nova geração [pois, sem isso, não seria systematica], que a refórma social deve começar.

É debaixo deste especial ponto de vista que se devem classificar as sciencias theoricas e praticas; isto é, as sciencias propriamente ditas e as artes e officios relativamente ao modo de se elles ensinarem e por elles se distribuirem, como meios de subsistencia para os particulares e como mananciaes da riqueza publica para o Estado.

Não basta organizar, como até agora, nem mesmo melhor do que até agora, um completo corpo de faculdades scientificas, de conservatorios de artes, de officinas normaes para os officios; e dizer aos paes de familias: «O governo ahi vos tem promptificado os meios de fazerdes instruir os vossos filhos e proporcionar-lhes os meios de elles serem um dia uteis a si mesmos e á sua patria: a vós é que compete escolher desses estudos, dessas profissões as que estiverem mais em proporção com a vossa classe, com as vossas posses, e com o talento que presentirdes em vossos filhos.—O governo tem cumprido com a sua obrigação: cumpri agora vós com a vossa.»

É este o modo de discorrer que até agora se tem seguido; mas elle é a origem principal da espantosa catastrophe que ameaça de subverter toda essa falsa civilização moderna.

Dizei, legisladores, e que acontecerá se os paes, ou não souberem, ou não quizerem cumprir com essa que vós appellidaeis sua obrigação?

Qual será a sorte da republica habitada por taes cidadãos e administrada por homens assim abandonados á direcção de semelhantes paes?

Ignoraeis vós, porventura, que seis ou sete decimos de todas quantas nações passam por mais civilizadas, se compõem de familias, cujos chefes ajuntam á mais crassa e grosseira ignorancia uma total ausencia de principios moraes e religiosos?

Não sabeis, que dos havidos por mais cultos, uns, posto que instruidos estão imbuidos de falsos preconceitos; outros, faltos de instrucção ou desprezam as sciencias, ou fazem alarde da sua propria ignorancia?

Ignoraeis, acaso, que, por mal entendido amor ou por desleixo, a maior e maxima parte dos paes preferem deixar seus filhos sem educação na infancia, sem direcção nem freio na adolescencia, até que estes chegados á maioridade, os fazem despertrar do seu lethargo, arrancando-lhes amargas e inuteis lagrimas pelo seu pessimo, mas já agora irremediavel comportamento?

E é então a esses paes, que vós dizeis que incumbe uma obrigação impossivel de cumprir, já pela ignorancia de uns, já pelos insanaveis defeitos dos outros, e pela falta de meios de quasi todos: nenhum delles está nas circumstancias de o poder cumprir?

Confessai, que, seja qual for a natureza ou a razão d'impossibilidade, ninguem tem obrigação de fazer o que lhe é impossivel de bem desempenhar.

Coordenar o plano da educação da geração futura; realizar os meios, assim no material como no pessoal, para o levar á execução; fazer com que de facto, por força ou por vontade, cada um receba aquelle gráu de instrucção, e siga aquelle ramo de ensino, para que a natureza o fez proprio: e tomando esta direcção assegurar a cada cidadão os meios de ganhar a sua subsistencia, mediante o seu trabalho, e a cada trabalho a sua recompensa, segundo o respectivo merecimento: isto só o Governo póde conceber, só elle o póde executar. Já se entende que, quando dizemos o Governo, entendemos o concurso de todos os poderes politicos do Estado.

Se nos fôr permittido desenvolveremos em um ou mais seguintes artigos, o como na nossa opinião se poderia chegar, ao menos approximadamente, á solução deste tão importante problema da ordem social.

Silvestre Pinheiro Ferreira.

OS GUANCHES.

ANTES da conquista das Canarias (*) eram estas ilhas habitadas por um povo pastoril, timido e pacifico, a que a historia dá o nome de guanches: tinham reis eleitos d'entre elles, e cujos palacios eram as grutas e cavernas das montanhas, tomando por unico distinctivo a melhor ou peor qualidade das pelles de cabras, de que todos se vestiam: viviam dos fructos sylvestres e do leite e carne de seus rebanhos, sem mais leis que os costumes, nem mais obrigações que procurar a subsistencia, servindo-se de muros de pedra tosca e grossos madeiros para abrigar as suas grutas da chuva e frio, e para fazer prateleiras onde pozessem as suas caçarolas e outros trastes de barro; nem mais armas possuíam alem de suas lanças de páu, cujas pontas endureciam ao fogo: em summa, se a vida dos guanches

(*) Tinhamos promettido falar dos aborigenes, a pag. 362 do vol. 1.º

era obscura e selvática, por outra parte passavam-na tranquilla e venturosa. Juntavam-se em certo periodo do anno a offerer as primicias de todas as fructas e flores ao sol, a que tributavam culto, escolhendo para tal cerimonia o valle mais aprazivel e espaçoso, onde ao raiar d'alva se apinhavam creanças, jovens e anciãos de ambos os sexos, alardeando á competencia suas abundantes offerendas. Quando a morte lhes cortava o fio á vida, embalsamavam com respeito religioso os cadaveres quasi pelo mesmo modo que no Egypto, collocando estas momias ordenadamente em destinadas cavernas, como depois do descobrimento se acharam: policia e veneração singulares em povo rustico, e de origem perdida em a noite dos seculos, por mais que se espraie em conjecturas a historia para averigua-la. — O adiantado Alonso de Lugo foi o primeiro que, appresentando-se em Tenerife, encheu de terror aquelles innocentes pastores, que tinham de ver realizados todos os temores que lhes infundiu no animo a apparição de homens assim armados, e que sem motivo os hostilizavam; não obstante, aprestaram-se a combater com suas armas toscas sob as ordens do seu valente rei, Bencomo; e duas sanguinolentas pelejas, a primeira das quaes lhes offereceu falaz victoria, despovoaram as campinas e nellas amontoaram cadaveres dos insulares, assegurando a segunda aos conquistadores a submissão ou mais exacto a ominosa escravidão dos naturaes. Ainda se conservam entre Laguna e Orotava os nomes de *Matança* e *Victoria* impostos áquellas aldeias, em cujas planicies se deram os combates. Novo contraste, o mais singular do universo! O campo mais picturesque da ilha, a paizagem mais amena e vistosa, logar onde os montes e veigas, as encostas, as povoações, ao longe o mar sem limites, por cima o bello azul do firmamento, tudo se une para formar um quadro encantador, é ahí que se encontram os nomes de batalha, assolação e ruina!

Não seremos por certo dos que acreditam, como pensam alguns, que os guanches eram absolutamente felizes naquelle seu estado inculto, a ponto de nada carecerem para a sua ventura; não seremos do partido que desconhece as vantagens da civilização, e a differença grandissima que medeia entre uma capital como as do seculo 15.^o e uma turba de selvagens, trajados de pelles e agazalhados nas cavidades dos montes. Por essa mesma razão não negaremos os beneficios que se poderiam fazer civilizando os primitivos habitantes das Canarias; mas doe-nos ver que entraram a ferro e fogo n'um territorio de moradores que nenhum delicto haviam commettido, que os renderam sob palavra de honra e de que seriam livres e viveriam em seu torrão natal, e que ao contrario os trouxeram á côrte de Hespanha, e desta os levaram a Roma e Veneza para serem mostrados como objectos de ludibrio e mofo, contando-se entre os presos o rei Bencomo que sustentára valorosamente a independencia do seu paiz, conforme os recursos de que podia dispôr: victoria lhe chamarão, mas nunca poderá considerar-se tropheu, porem sim acção villaã e cruel, que só poderia explicar-se abrindo e folheando uma a uma as ensanguentadas paginas que offerece a hystoria bellicosa do seculo decimo-quinto, seculo em que na Europa predominava o espirito inquieto de dominação e conquistas.

E não se creia que foi sómente Tenerife o theatro de tão abominaveis scenas. Ao seu captiveiro, que fixou a submissão violentada das ilhas que a

antiguidade denominou afortunadas, em 1496, precedeu, todavia no mesmo anno, o da Canaria grande, onde se praticaram horrores inauditos; o filho que fugia para refugiar-se em alguma remota e ignorada caverna, se voltava áquella que tinha habitado, pressuroso assim que os inimigos se ausentavam, achava em pilha os inanimados corpos de seus pais e irmãos, cortados do ferro invasor. Trinta e dois annos antes commetteu as mesmas crueldades em Lançarote, Fuenteventura, Palma e Gomera o aventureiro normando, João de Bethencourt. Consta que os infelizes guanches, perseguidos como eram e assassinados os seus, ainda assim mesmo tratavam humanamente os prisioneiros que o acaso lhes punha nas mãos, ou colhiam nas refregas em que sahiam vencedores; e até restituíam a liberdade aos que logravam mover-lhes o coração. Tão mal lhes retribuíam os contrarios e em tão facil conquista!

E se a esta triste resenha da antiga historia das Canarias quizer o leitor que accrescentemos algumas particularidades sobre os residuos que em memoria dos guanches desditosos offerecem as ilhas, diremos com bastante sentimento que, apagada a lembrança delles em seu proprio paiz, tem servido para beneficiar as terras as momias e fragmentos que se encontraram em covas accessiveis, ao passo que se acham intactos assim os cadaveres embalsamados como os utensilios e instrumentos guachinenses collocados nas de asperissimo accesso; destas algumas existem nas altissimas serras da Gomera, em as quaes se nota a particularidade de estarem fechadas por uma parede mal construida, feita sem duvida pelos que tomaram a peito resguardar d'insultos aquella mansão dos finados, ou talvez pelos vivos que fugindo dos inimigos se occultaram nellas. Em Teneriffe, especialmente em determinadas partes da ilha, apontarão ao viajante grutas desta classe, abertas e reconhecidas, postoque de mui difficil e perigosa subida e entrada. — Perguntam alguns como os guanches alcançariam chegar a cavernas tão alto situadas, quando agora não é possível escala-las: mas para responder a esta objecção basta contrapôr a consideração do muito e muito que as torrentes tem escavado a terra e descarnado as montanhas, ha tres seculos a esta parte. — Naquelles monumentos de soledade e silencio o curioso pesquisador, sendo-lhe dado investigar alguns, sómente verá internar-se alguma cabra montezinha, algum corvo, ou aves semelhantes de sinistro agouro, que em grasnidos rouquinhos parecem que entoam a canção lugubre ás almas dos que alli se finaram.

Recepção real: anecdota. — «Em tempo d'elrei D. Fernando veio a este reino Aymon, conde de Cambrix (*), infante d'Inglaterra, trazendo comsigo a infanta D. Isabel, sua mulher, e filha d'elrei D. Pedro de Castella, por cujo respeito o conde pertendia aquelle reino. Chegados os infantes a Lisboa, elrei os foi visitar á nau, e desembarcados foram fazer oração á Sé, indo todos a pé, e levando elrei a infanta pelo braço. Á vinda montaram todos a cavallo, e elrei por ser grande corteção levou a infanta de redea até S. Domingos, onde havia ordenado que pousassem.» — *J. B. de Castro no Map. de Port., citando Faria e Sousa.*

(*) O titulo de duque de Cambridge é um dos que ainda hoje se dão aos filhos segundos da real familia da Graã-Bretanha.